

FÓRUM: Custo elevado do capital, por causa do risco Brasil, ainda impede cenário favorável, admite dirigente do BC

Armínio: renda 'per capita' pode crescer 4%

Presidente do Banco Central diz que a economia do país já pode entrar em círculo virtuoso de crescimento

Eliane Oliveira
e Ricardo Galhardo

• RIO e SÃO PAULO. O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, disse ontem que a economia brasileira já tem condições de entrar num círculo virtuoso de crescimento. Ele acredita que, a médio prazo, é possível prever elevação de 4% da renda *per capita* e crescimento da demanda entre 5% e 6% ao ano. No entanto, reconheceu que um dos empecilhos para se chegar a esse cenário é o alto custo do capital, por causa do risco Brasil:

— Para isso, é preciso uma postura objetiva e clara da política pública. Também é fundamental o fim das constantes mudanças das regras do jogo, que acabam dificultando a vida dos investidores.

Armínio Fraga acusa protecionismo de ricos

Armínio participou do debate Competitividade Latina: O Que Está Faltando?, no segundo dia da Cúpula Econômica do Mercosul 2000. Segundo ele, a imposição de taxas de risco que elevam o custo do capital, além do forte protecionismo por parte dos países desenvolvidos, é um dos principais fatores que fazem os produtos do Mercosul serem menos competitivos.



ARMÍNIO FRAGA: a busca de produtividade deve ser uma iniciativa conjunta do Governo e setor privado

Ele frisou que a busca da produtividade máxima deve acontecer em conjunto pelo setor privado e o Governo. O setor público, disse, vem tomando providências, como dar prioridade máxima à educação e reduzir o custo do dinheiro bancário por meio da reforma tributária, da melhora

da qualidade dos investimentos e do crédito, tendo por meta a redução do risco Brasil nas operações de crédito.

Para o presidente da Companhia Vale do Rio Doce, Jorio Dauster, mais grave que o risco Brasil ou o risco Mercosul são as medidas protecionistas dos países desenvolvidos, es-

pecialmente a União Européia. As barreiras às vendas externas impedem excedente de US\$ 5 bilhões a US\$ 6 bilhões por ano em exportações do Mercosul, alertou.

Arturo Acevedo, presidente de uma das maiores siderúrgicas da Argentina, a Acindar, citou três medidas que pode-

riam melhorar a competitividade do bloco: a redução da alta carga tributária, a eficiência do setor público — garantida pelas seguranças jurídica e administrativa — e a coordenação macroeconômica, iniciada pela harmonização da metodologia de cálculos usada por brasileiros e argentinos.

Delfim: FH quer fazer a reforma do 3º mandato

Em São Paulo, o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, disse ontem que o provável aumento das taxas de juros nos Estados Unidos não afetará o crescimento econômico do Brasil. Segundo Bier, o país hoje está numa trajetória de crescimento sustentado e as condições para esse crescimento dependem mais de questões internas do que externas.

— O que discutimos agora no Governo é o nível desse crescimento — disse Bier, no seminário As Perspectivas do Crescimento Econômico, na Câmara Americana de Comércio de São Paulo.

Além da perspectiva de melhora na avaliação do mercado nacional, Bier citou como motivos de otimismo o que chamou de “virada fiscal extraordinária” que seria fruto da reforma tributária — que conti-

nua em trâmite no Congresso — e a renegociação das dívidas dos estados e municípios com a União, conjugada com a aprovação da Lei de Responsabilidade Fiscal, que diminuiria o déficit público. Bier também descartou qualquer possibilidade de diminuição da carga tributária nacional.

A defesa do modelo fiscal do foi uma resposta de Amaury Bier às críticas feitas pelo deputado Antônio Delfim Netto (PPB-SP) e pelo economista-chefe do banco ING Barings para a América, Arturo Porzecanski, à política econômica brasileira.

— Um crescimento do PIB entre 3% e 4% para os próximos anos deveria ser considerado inaceitável no Brasil. Esses índices apenas acompanham o crescimento da população e da demanda por empregos — disse Porzecanski.

Delfim Netto viu na defesa feita por Bier da necessidade de aprovação da reforma tributária uma incoerência com o discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso. Na semana passa, Fernando Henrique disse que a fase das reformas estruturais já está encerrada.

— Ele (Fernando Henrique) quer agora fazer a reforma do seu terceiro mandato — ironizou Delfim. ■